

Florbela Espanca Francisco Sá de Miranda
Ricardo Reis Antero de Quental Luís Vaz de Camões
Fernando Pessoa Marquesa de Alorna
Alberto Caeiro Cesário Verde Alvaro de Campos
Alexandre Search Florbela Espanca
Camilo Pessanha Luís Vaz de Camões
Abade de Jazente Marquês de Alorna
Cesário Verde Alexandre Herculano

A POESIA DO DIA

**INCM celebra o Dia Mundial da Poesia 2015
no Centro Cultural de Belém**

INCM
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA

**IMPRESA
NACIONAL**

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO.



A POESIA DO DIA

***INCM celebra o Dia Mundial da Poesia 2015
no Centro Cultural de Belém***

Francisco Sá de Miranda
Luís Vaz de Camões
Marquesa de Alorna
Alexandre Herculano
Florbela Espanca
Camilo Pessanha
Abade de Jazente
Cesário Verde
Alexandre Search
Antero de Quental
Fernando Pessoa
Alexandre Herculano
Francisco Sá de Miranda
Luís Vaz de Camões
Marquesa de Alorna
Alvaro de Campos
Ricardo Reis
Fernando Pessoa
Alberto Caeiro
Cesário Verde

A POESIA DO DIA

**INCM celebra o *Dia Mundial da Poesia 2015*
no Centro Cultural de Belém**

INCM
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA

**IMPRESA
NACIONAL**

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO





Francisco de Sá de Miranda

n. 28 de agosto de 1481, Coimbra

m. 15 de março de 1558, Amares

Soneto

O corpo, o coração, já não abastam
a tal tormento, d'hora em hora mor,
não por irem de mal sempre em pior,
nem pola vida que assi em pena gastam.

Mas estes olhos tristes que se afastam
do bem, que viram? Grande, igual dor.
As ondas vão e vem, e mor temor
é sempre onde, assi, ventos contrastam.

Tudo fora acabando e descansara
outrem; descansarei, triste, ao qual
«este si, este não» contenda é cara?

Certo a primeira era igual,
era segura, era conta clara,
assi um mal me lança em outro mal.

Poesias, ed. de José Camões,
INCM, Lisboa, 2015 (em publicação)

Cantiga

Entre temor e desejo,
vã esperança e vã dor,
entre amor e desamor,
meu triste coração vejo.

Volta

Nestes extremos, cativo
ando sem fazer mudança,
se já vivi d'esperança
agora de chorar vivo.
Contra mi mesmo pelejo,
vem de ãa dor outra dor,
vem dum mal outro mal mor,
de um desejo mor desejo.

Poesias, ed. de José Camões,
INCM, Lisboa, 2015 (em publicação)



Luís Vaz de Camões

n. ca. 1524, Lisboa [?]

m. 10 de junho de 1580, Lisboa

Portugal tão diferente de seu ser primeiro

Os reinos e os impérios poderosos,
que em grandeza no mundo mais cresceram,
ou por valor de esforço floresceram
ou por varões nas letras espantosos

Teve Grécia Temístocles famosos;
os Cipiões a Roma engrandeceram;
doze pares a França glória deram;
Cides a Espanha, e Laras belicosos.

Ao nosso Portugal (que agora vemos
tão diferente de seu ser primeiro),
os vossos deram honra e liberdade.

E em vós, grão sucessor e novo herdeiro
do braganção estado, há mil extremos
iguais ao sangue, e móres que a idade.

Lírica Completa II, INCM, Lisboa, 1980

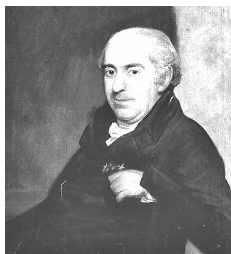
Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence o vencedor;
é ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Lírica Completa II, INCM, Lisboa, 1994



Abade de Jazente

(Paulino António Cabral de Vasconcelos)

n. 6 de maio de 1719, Amarante

m. 20 de novembro de 1789, ?

Amor, é um arder, que se não sente;
É ferida, que dói, e não tem cura;
É febre, que no peito faz segura;
É mal, que as forças tira de repente.

É fogo, que consome ocultamente;
É dor, que mortifica a Criatura;
É ânsia a mais cruel, e a mais impura;
É frágua, que devora o fogo ardente.

É um triste penar entre lamentos;
É um não acabar sempre penando;
É um andar metido em mil tormentos.

É suspiros lançar de quando, em quando;
É quem me causa eternos sentimentos;
É quem me mata, e vida me está dando.

Poesias, texto integral da 1.^a edição,
Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa, 1984

Eu bem sei, Portugal, que tu não queres
Que ninguém te descubra as tuas faltas:
Tu folgas de prazer de gosto saltas;
E disto as consequências não inferes.

Vês homens misturados com mulheres
Em banquetes, em jogos, danças altas;
Elas na casquilhice mui Peraltas,
Eles na chibantice todos eres.

Ah pobre Portugal! Muito me espanto,
No que noto no teu contentamento,
Devendo ser em ti contínuo o pranto.

Eu bem sei, que o respeito é muito atento;
Mas sempre há-de cair, quem não for Santo,
Ou por obra, palavra, ou pensamento.

Poesias, texto integral da 1.^a edição,
Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa, 1984



Marquessa de Alorna
(Leonor de Almeida Portugal
de Lorena e Lencastre)
n. 31 de outubro de 1750,
S. Jorge de Arroios, Lisboa
m. 11 de outubro de 1839,
freg. Coração de Jesus, Lisboa

Enquanto Piério tocava flauta

Do teimoso desgosto a mão nefanda
Que o coração me estava comprimindo
Com susto se desvia e vai fugindo
Ao Báratro após Megera execranda.

Nascei, versos, ao som da flauta branda
Recreai as Deiades lá do Pindo
Vá-se o canto sublime, vá-se abrindo,
Que Délio o mesmo sacro Délio o manda.

A Camena altas músicas descante,
Co'a cítara aspergida de ambrósia
Em honra de Piério hinos levante.

O Paz, filha de Apolo e de Harmonia,
Descansa no meu peito um doce instante,
Roubemo-lo ao domínio da agonia!

Poesia da Marquessa de Alorna, ed. de Vanda Anastácio,
coleção Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa,
INCM, 2015 (em publicação)

Fecunda Natureza, em vão procura
Contigo competir Arte engenhosa;
Tu és mais agradável, mais formosa
Do que quanto inventou a Arquitectura.

Como vem despenhada esta água pura!
Como se vê esta árvore frondosa!
Convidando na sesta mais calma
A gozar do sossego e da frescura!

Sítio feliz, se fosses habitado
Por quem livre de amor e de tristeza
Só em ti limitasse o seu cuidado:

Então seria (que ditosa empresa!)
Em verso brando, em verso delicado
Visto todo o poder da Natureza.

Poesia da Marquesa de Alorna, ed. de Vanda Anastácio,
coleção Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa,
INCM, 2015 (em publicação)



Alexandre Herculano

n. 28 de março de 1810, Lisboa

m. 18 de setembro de 1877,

Santarém

A Vitória e a Piedade

Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
 Nos paços dos senhores!
Eu jamais consagrei hino mentido
 Da terra dos opressores.
Mal haja o trovador que vai sentar-se,
 À porta do abastado,
O qual com ouro paga a própria infâmia,
 Louvor que foi comprado.
Desonra àquele, que ao poder e ao ouro,
 Prostitui o alaúde!
Deus à poesia deu por alvo a pátria,
 Deu a glória e a virtude.
Feliz ou infeliz, triste ou contente,
 Livre o poeta seja,
E em hino isento a inspiração transforme
 Que na sua alma adeja.

Alexandre Herculano (3 vols.), vol. 2 – *Escritor*,
INCM, Lisboa, 2010

A Volta do Proscrito

Foi o cantor feliz? Em breves dias
Viu-se cruzar errante incertos mares.
Sob o tecto paterno ansiada noite
Ele passou; e o sono sossegado
Não lhe cerrou os olhos lacrimosos.
Conta-se que o seu amor fora traído,
E que mirrado achou de amor o mirto,
Que deixara viçoso, e que saudara
Desde além do oceano em seu delírio.
Sob a proa outra vez indo assentar-se,
Não entoou um hino de alegria.
Com ar sinistro e torvo e os lábios mudos
Correu coa vista as ondas inquietas,
E, porventura, a ideia que as passara
Nas asas da esperança, e que a esperança
Tinha expirado ao limiar do gozo,
Mais lhe turbou a fronte carregada.
O mísero sorriu-lhe. Em tal sorriso
O passado e o futuro estava impresso,
E da sua alma a dolorosa noite.

Alexandre Herculano (3 vols.), vol. 2 – Escritor,
INCM, Lisboa, 2010



Antero de Quental

n. 18 de abril de 1842, Ponta Delgada

m. 11 de setembro de 1891,

Ponta Delgada

Hino à razão

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre, só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça
De astros e sóis e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroísmo medra e viça.

Por ti, na área trágica, as nações
Buscam a liberdade, entre clarões;
E os que olham o futuro e cismam, mudos,

Por ti, podem sofrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos, que combatem
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!

Sonetos, Biblioteca de Autores Portugueses,
INCM, Lisboa, 2002

A um poeta

Surge et âmbula!

Tu, que dormes, espírito sereno,
Posto à sombra dos cedros seculares,
Como um levita à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para surgir do seio desses mares,
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São os teus irmãos que se erguem! são canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, fase espada de combate!

Sonetos, Biblioteca de Autores Portugueses,
INCM, Lisboa, 2002



Cesário Verde

n. 25 de fevereiro de 1855, Lisboa

m. 19 de julho de 1886, ?

Nevroses A Coelho de Carvalho

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
E agrado a pouca gente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve a conta à botica!
Mal ganha para as sopas...

O obstáculo ou depura ou torna-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa d'um jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
Mais d'uma redacção, das que elogiam tudo,
Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene.

Com raras excepções, merece-me o epigrama.
Deu meia-noite, e em paz pela calçada abaixo,
Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho
Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei composições nenhuma,
Senão, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingénuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convém, visto que os seus leitores
Deliram por Zaccone.

Um prosador, aqui, desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua *coterie*;
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exactos,
Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe humedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

Nem pão no armário, ó Deus! Chama por ela a cova.
Esvai-se; e todavia, à tarde, francamente,
Ouço-a cantarolar uma canção plangente
D'uma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a *réclame*, a intriga, o anúncio, a *blague*,
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras...

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que vida! Coitadinha!

Cânticos do Realismo, fixação do texto
de Teresa Sobral Cunha, INCM,
Lisboa, 2015 (em publicação)

Ele
Ao Diário Ilustrado

Era um deboche enorme, era um festim devasso!
No palácio real brilhava a infame orgia,
E até bebiam vinho os mármoreos do paço!

O champagne era a rodo, o deus era a Folia;
Entre o rumor febril soltava gargalhadas,
Pálido e embriagado o herói da monarquia!

Riam-se os cortesãos p'ra as taças empinadas,
E referviam sempre os ponches palacianos
Nas mesas de oiro e prata, em Roma cinzeladas.

Era a repercussão dos bodos luculianos!
E os áulicos boçais e os parasitas nobres
Bebiam doidamente os vinhos de mil anos.

Desmaiavam na rua, à fome, os Jobs, os pobres;
Em peles de leões os régios pés gozavam,
E o norte, nos salões, gemia uns tristes dobres.

À louca, os comensais, com força, arremessavam
Garrafas de cristal a espelhos de Veneza,
E à chuva, ao vento, ao frio, os povos soluçavam.

Tremia, vinolenta, a velha realleza,
Caíam na alcatifa os duques e os criados,
E, sujos, com fragor, rolavam sob a mesa.

A púrpura nadava em vinhos trasbordados,
Cantava um cardeal não sei que *chansonnette*,
E o espírito subia aos cérebros irados.

Era um tripúdio infrene o festival banquete!
O rei, bêbedo enfim, vazando o corpo erguido,
Quis saudar e caiu de bruços no tapete.

E o sultão europeu, em vinhos imergido,
Pisado, pelo chão, rojou-se p'ra a janela,
Como um lagarto imundo, estúpido e comprido.

A brisa dessa noite, hiberna noite bela,
Deu na frente real uma fugaz lugada,
E o rei, agoniado, à luz de cada estrela,

Curvou-se e vomitou nas pedras da calçada.

.....
Na praça, de manhã, havia, oh rei brutal,
Montões de sordidez horrível e avinhada...

Nascera o *Ilustrado*, o vômito real!

Cânticos do Realismo, fixação do texto
de Teresa Sobral Cunha,
INCM, Lisboa, 2015 (em publicação)



Camilo Pessanha

n. 7 de setembro de 1867, Coimbra

m. 1 de março de 1926, Macau

Não sei se isto é amor. Procuo o teu olhar,
Se alguma dor me fere, em busca dum abrigo;
E apesar disso, crês? nunca pensei num lar
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.

Por ti nunca chorei nenhum ideal desfeito.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.
Nem depois de acordar te procurei no leito,
Como a esposa sensual do Cântico dos Cânticos.

Se é amar-te não sei. Não sei se te idealizo
A tua cor sadia, o teu sorriso terno,
Mas sinto-me sorrir de ver esse sorriso
Que me penetra bem, como este sol de inverno.

Passo contigo a tarde, e sempre sem receio
Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.
Eu não demoro o olhar na curva do teu seio
Nem me lembrei jamais de te beijar na boca.

Eu não sei se é amor. Será talvez começo.
Eu não sei que mudança a minha alma presente...
Amor não sei se o é, mas sei que te estremeço,
Que adoecia talvez de te saber doente.

Clepsidra, ed. de Barbara Spaggiari,
Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa, INCM, 2014

Ao Longe os Barcos de Flores

Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
— Perdida voz que de entre as mais se exila,
— Festões de som dissimulando a hora

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.

E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flébil... Quem há de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...

Clepsidra, ed. de Barbara Spaggiari,
Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa, INCM, 2014



Fernando Pessoa

n. 13 de junho de 1888, distrito
de Lisboa

m. 30 de novembro de 1935, Lisboa

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.
De tanto ser, só não conheço.
Mudaram-me sempre o preço.
Quem vê é só o que vê.
Quem sente não é quem é.

Attento ao que sou e vejo,
Torno-me elles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo,
É do que nasce, e não meu.
Sou minha propria paisagem,
Assisto á minha passagem,
Diverso, mobil e só.
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
Como paginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto á margem do que li
O que julguei que senti.
O que anotei era eu?
Sabe-o Deus, porque screveu.

Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930, ed. de Ivo Castro,
Edição Crítica de Fernando Pessoa, Vol. I, INCM, Lisboa, 2001

Gladío

Irei mais longe que os navegadores.
Meu spirito standarte
De terras de outros mares e maiores
Fará parte.

Atmosfera das almas do futuro,
Pairante imperador,
Tornarei do meu sangue o ainda obscuro
Porvir maior.

Possuirei a sphynges e a thronos
O meu reyno de Além,
Senhor dos Mestres, Dono — Rei dos donos,
Alma que tem

No seu ambito absurdo e desmedido
Todo o mundo por vir,
Que olhará para o Deus de ella-ter-sido
Sem o seguir,

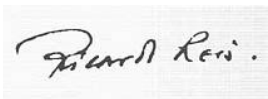
Impaciente de ser pouco e tarde,
Cinza do que já fui.
Ó meu imperial coração, arde,
Impera, flue,

Occupa a céu e astros o Destino,
Pertence a imperial!
Feche depois meus olhos o divino
Gesto fatal!

Terei deixado o meu inteiro ser
Por toda a terra
Nada terá morrido em meu morrer.

□

Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930, ed. de Ivo Castro,
Edição Crítica de Fernando Pessoa, Vol. I, INCM, Lisboa, 2001



Ricardo Reis

n. 19 de setembro de 1887, Porto
m. ?

Só esta liberdade nos concedem
Os deuses: submetermo-nos
Ao seu domínio por vontade nossa.
Mais vale assim fazermos
Porque só na ilusão da liberdade
A liberdade existe.

Nem outro jeito os deuses, sobre quem
O eterno fado pesa,
Usam para seu calmo e possuído
Convencimento antigo
De que é divina e livre a sua vida.
Nós, imitando os deuses,
Tão pouco livres como eles no Olimpo,
Como quem pela areia
Ergue castelos para usar os olhos,
Ergamos nossa vida
E os deuses saberão agradecer-nos
O sermos tão como eles.

30-7-1914

Odes in Poemas de Ricardo Reis, ed. de Luiz Fagundes Duarte,
Edição Crítica de Fernando Pessoa — col. Edições,
INCM, Lisboa, 2015

É tão suave a fuga deste dia,
Lídia, que não parece que vivemos.
Sem dúvida que os deuses
Nos são gratos esta hora,

Em paga nobre desta fé que usamos
Na exilada verdade dos seus corpos
Nos dão o alto prémio
De nos deixarem ser

Convivas lúcidos da sua calma,
Herdeiros um momento do seu jeito
De viver toda a vida
Dentro dum só momento

Dum só momento, Lídia, em que afastados
Das terrenas angústias recebemos
Olímpicas delícias
Dentro das nossas almas.

E um só momento nos sentimos deuses
Imortais pela calma que vestimos
E a altiva indiferença
Às cousas transitórias.

Como quem guarda a coroa da vitória
Estes fanados louros de um só dia
Guardemos para termos,
No futuro enrugado,

Perene à nossa vista a certa prova
De que um momento os deuses nos amaram
E nos deram um' hora
Não nossa, mas do Olimpo.

Odes in Poemas de Ricardo Reis, ed. de Luiz Fagundes Duarte,
Edição Crítica de Fernando Pessoa – col. Edições, INCM, Lisboa, 2015



Alberto Caeiro

n. 16 de abril de 1889
(ou agosto de 1887), Lisboa
m. junho de 1915

O mysterio das cousas — onde está elle?
Onde está elle que não apparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mysterio?

Que sabe o rio d'isso e que sabe a arvore?
E eu, que não sou mais real do que elles, que sei d'isso?
Sempre que ólho para as cousas e penso no que os
[homens pensam d'ellas,
Rio como um regato que soa á roda de uma pedra.

Porque o unico sentido occulto das cousas
É ellas não terem sentido occulto nenhum.
É mais extranho do que todas as extranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os philosophos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que comprehender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sòsinhos: —
As cousas não teem significação: teem existencia.
As cousas são o unico sentido occulto das cousas.

O Guardador de Rebanhos in *Poemas de Alberto Caeiro*,
ed. de Ivo Castro, Edição Crítica de Fernando Pessoa,
INCM, Lisboa, 2015

Pouco a pouco o campo se alarga e se doura.
A manhã extravia-se
pelos irregulares da planície.
Sou alheio ao espectáculo que vejo: vejo-o.
É exterior a mim. Nenhum sentimento me liga a elle,
E é esse o sentimento que me liga á manhã que
[apparece...

29-5-1918

Poemas Inconjuntos in *Poemas de Alberto Caeiro*,
ed. de Ivo Castro, Edição Crítica de Fernando Pessoa,
INCM, Lisboa, 2015



Álvaro de Campos

n. 13 de outubro de 1890, Tavira
m. ?

Diluyente

A vizinha do número catorze ria hoje da porta
De onde há um mês saiu o enterro do filho pequeno.
Ria naturalmente com a alma na cara.

Está certa: é a vida.

A dor não dura porque a dor não dura.

Está certa.

Repito: está certa.

Mas o meu coração não está certo.

O meu coração romântico faz enigmas do egoísmo
[da vida.

Cá está a lição, ó alma de gente!

Se a mãe esquece o filho que saiu dela e morreu,
Quem se vai dar ao trabalho de se lembrar de mim?

Estou só no mundo, como um tijolo partido...

Posso morrer como o orvalho seca...

Por uma arte natural de natureza solar...

Posso morrer à vontade da deslembração,

Posso morrer como ninguém...

Mas isto dói,

Isto é indecente para quem tem coração...

Isto...

Sim, isto fica-me nas goelas como uma sandwich
[com lágrimas...

Glória? Amor? O anseio de uma alma humana?

Apoteose às avessas...

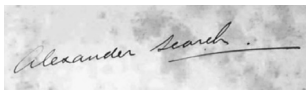
Dêem-me Água de Vidago, que eu quero esquecer
[a Vida!...

Cesário, que conseguiu
Ver claro, ver simples, ver puro,
Ver o mundo nas suas cousas,
Ser um olhar com uma alma por trás, e que vida
[tão breve!

Criança alfacinha do Universo.
Bendita sejas com tudo quanto está à vista!
Enfeito, no meu coração, a Praça da Figueira para ti
E não há recanto que não veja para ti, nos recantos
[dos seus recantos.

6-4-1930

Poemas de Álvaro de Campos, ed. de Cleonice Berardinelli,
Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Menor, INCM, 1992



Alexander Search

n. 13 de junho de 1888, Lisboa
m. ?

Mania of Doubt

All things unto me are queries
That from normalness depart,
And their ceaseless asking wearies
 My heart.

Things are and seem, and nothing bears
The secret of the life it wears.

All things' presence e'er is asking
Questions of disturbing pain
With dreadful hesitation tasking
 My brain
How false is truth? How much doth seem
Since dreams are all and all's a dream.

Before mystery my will faileth
Torn with war within the mind,
And Reason like a coward quailleth
 To find
More than themselves all things reveal
Yet that they with themselves conceal.

Poemas Ingleses, tomo II, Poemas de Alexander Search,
ed. de João Dionísio, Edição Crítica de Fernando Pessoa,
Série Maior, INCM, 1997

Doubt

Tell me, tell me who dreams most —
He who sees the world aright
Or the man in dreaming lost?

What is true? What is't that seems —
The lie that's in reality
Or the lie that is in dreams?

Who is unto truth less near —
He who sees all truth a shadow
Or he who sees dreams all clear?

(...)
His who is a good guest, or his?
Who feels alien at the feast?

Poemas Ingleses, tomo II, Poemas de Alexander Search,
ed. de João Dionísio, Edição Crítica de Fernando Pessoa,
Série Maior, INCM, 1997



Florbela Espanca

n. 8 de dezembro de 1894, Vila Viçosa

m. 8 de dezembro de 1930, Matosinhos

O Fado

Corre a noite, de manso num murmúrio,
Abre a rosa bendita do luar...
Soluçam ais estranhos de guitarra...
Oiço, ao longe, não sei que voz chorar...

Há um repouso imenso em toda a terra,
Parece a própria noite a escutar...
E o canto continua mais profundo
Que uma página sentida de Mozart!

É o fado. A canção das violetas:
Almas de tristes, almas de poetas,
Pra quem a vida foi uma agonia!

Minha doce canção dos deserdados,
Meu fado que alivias desgraçados,
Bendito sejas tu! Ave Maria!...

Trocando olhares, Biblioteca de Autores Portugueses,
Lisboa, INCM, 1994

Versos

Versos! Versos! Sei lá o que são versos...
Pedaços de sorriso, branca espuma,
Gargalhadas de luz, cantos dispersos,
Ou pétalas que caem uma a uma...

Versos!... Sei lá! Um verso é teu olhar,
Um verso é teu sorriso e os de Dante
Eram o seu amor a soluçar
Aos pés da sua estremeçada amante!

Meus versos!... Sei eu lá também que são...
Sei lá! Sei lá!... Meu pobre coração
Partido em mil pedaços são talvez...

Versos! Versos! Sei lá o que são versos...
Meus soluços de dor que andam dispersos
Por este grande amor em que não crês!...

Trocando olhares, Biblioteca de Autores Portugueses,
Lisboa, INCM, 1994

ÍNDICE

Francisco de Sá de Miranda

<i>Soneto</i>	2
<i>Cantiga</i>	3

Luís Vaz de Camões

<i>Portugal tão diferente de seu ser primeiro</i>	4
<i>Amor é um fogo que arde sem se ver (?)</i>	5

Abade de Jazente

Amor, é um arder, que não se sente;	6
Eu bem sei, Portugal, que tu não queres	7

Marquesa de Alorna

<i>Enquanto Piério tocava flauta</i>	8
<i>Fecunda Natureza, em vão procura</i>	9

Alexandre Herculano

<i>A Vitória e a Piedade</i>	10
<i>A Volta do Proscrito</i>	11

Antero de Quental

<i>Hino à razão</i>	12
<i>A um poeta</i>	13

Cesário Verde

<i>Nevroses (A Coelho de Carvalho)</i>	14
<i>Ele (Ao Diário Ilustrado)</i>	17

Camilo Pessanha

Não sei se isto é amor. Procuro o teu olhar,	19
<i>Ao Longe os Barcos de Flores</i>	20

Fernando Pessoa

Não sei quantas almas tenho	21
<i>Gladío</i>	22

Ricardo Reis

Só esta liberdade nos concedem	23
É tão suave a fuga deste dia,	24

Alberto Caeiro

O mysterio das cousas — onde está elle?	25
Pouco a pouco o campo se alarga e se doura.	26

Álvaro de Campos

<i>Diluyente</i>	27
Cesário, que conseguiu	28

Alexander Search

<i>Mania of Doubt</i>	29
<i>Doubt</i>	30

Florbela Espanca

<i>O Fado</i>	31
<i>Versos</i>	32

© 2015 Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

Edição n.º 1020495

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

A presente brochura, com o título *Poesia do Dia*.
A INCM celebra o Dia Mundial da Poesia 2015 no Centro Cultural de Belém,
foi concebida, paginada, revista e impressa na INCM,
usando a fonte Chronicle Text G1 e papel Coral Book Ivory de 90 g.

Os textos incluídos nesta seleção foram reproduzidos a partir de obras publicadas pela INCM, tendo sido mantida, em todos os casos, a ortografia usada nas obras das quais foram transcritos, segundo as opções dos respetivos responsáveis (caso das edições críticas), ou a ortografia oficial em vigor à data da publicação.

INCM

O VALOR DA SEGURANÇA

AO SERVIÇO DA CULTURA

IMPRESA NACIONAL
CASA DA MOEDA, S. A.
T+351 217 810 700
F+351 217 810 754
EDITORIAL.APOIOCLIENTE@INCM.PT
WWW.INCM.PT



IMPRESA NACIONAL
CASA DA MOEDA, S. A.
CASA DA MOEDA, S. A.
CASA DA MOEDA, S. A.

IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO